

Textos de apoio para a proposta 1

Texto 1

Economia colaborativa: dividir ao invés de acumular

Por *Alexandra Gonzalez**

O fotógrafo paranaense Gustavo Benke, de 28 anos, é uma referência entre os amigos quando o assunto é desapego e capacidade de compartilhar. Sua casa, na capital paranaense, está sempre de portas abertas para acolher parentes, amigos e amigos de amigos, pelo tempo que precisarem.

No local, que comporta até dez pessoas, basta colaborar nas despesas e ajudar na manutenção para viver em um estilo comunitário, com direito a Wi-Fi. Há dois anos, ao ingressar na faculdade de música em Florianópolis, o fotógrafo decidiu replicar seu estilo de vida na casa que aluga na praia do Campeche.

Esse compartilhamento do espaço acaba beneficiando a todos — os hóspedes, que economizam com a estadia, e Gustavo, que recebe ajuda nas despesas. “As pessoas veem a maneira como eu cuido do espaço e se sentem inspiradas a cuidar também, então muita gente deixa sua contribuição — uma horta, uma pintura, uma varrida na casa e por aí vai”, diz ele, que também tem o hábito de trocar seu trabalho de fotógrafo pelos bens ou serviços de que necessita.

Gustavo representa um movimento que já vem sendo descrito como a principal tendência econômica do século 21 — a chamada economia colaborativa. Ao conectar desconhecidos com interesses e necessidades comuns, redes sociais e aplicativos facilitam o compartilhamento e a troca de serviços e objetos numa escala sem precedentes.

Por essa razão, há quem atribua à economia colaborativa o poder de reduzir o desperdício, aumentar a eficiência no uso dos recursos naturais, combater o consumismo e até reduzir a desigualdade social no mundo. Ainda é preciso observar se o movimento realmente será capaz de cumprir toda essa agenda.

Entretanto, não resta dúvida, por enquanto, sobre o poder da economia colaborativa de fomentar negócios baseados no compartilhamento. Prova disso é que a plataforma Airbnb — de oferta de cômodos vagos e imóveis para locação por temporada — tem hoje um valor de mercado superior ao de grandes grupos hoteleiros, como o Hyatt. Só em 2014, os empreendimentos

colaborativos movimentaram mais de 110 bilhões de dólares em todo o mundo, segundo a revista Forbes.

Hoje, é possível economizar e lucrar com esse movimento fazendo “bicos” nas horas vagas, compartilhando veículos, a casa ou espaços de trabalho e trocando objetos, como livros e roupas. Sem falar na possibilidade de viabilizar projetos individuais, como a publicação de um livro ou a gravação de um filme, via financiamento coletivo.

Para Nicolau Reinhard, especialista em tecnologia da informação da Fundação Instituto de Administração da USP, um dos pontos mais favoráveis à disseminação da economia colaborativa é ser um modelo vantajoso tanto para quem oferece quanto para quem contrata um serviço. “Eliminamos os intermediários e os custos de uma estrutura formal de comércio”, diz Nicolau.

Este, aliás, é o conceito por trás das redes de financiamento coletivo Eco Rede Social, voltada para projetos de sustentabilidade, e Eco do Bem, para projetos culturais, criadas pela publicitária Izabella Cecato, de 38 anos, de São Paulo. A inspiração veio de uma experiência vivida em 2012, quando Izabella passou seis meses na Inglaterra, numa comunidade do *Transition Town Movement*, iniciativa que incentiva a transformação das cidades em modelos sustentáveis.

Izabella aprendeu a abrir mão do carro e hoje só usa carona compartilhada ou transporte público, além de ter desistido de gastar fortunas na renovação do guarda-roupa — é frequentadora assídua de bazares de troca. Só em janeiro, ela economizou cerca de 2 000 reais em roupas, sapatos e acessórios novos graças ao intercâmbio de peças entre as frequentadoras. “Meu grande aprendizado com o compartilhamento é que não precisamos comprar tantas coisas para viver bem, com conforto”, diz Izabella.

Fonte de renda

Em São Paulo, o designer Wolf Menke, de 33 anos, é um dos que fazem do compartilhamento não só uma ferramenta para economizar mas também uma fonte de renda.

Em 2013, ele criou o espaço de *coworking House of Work*, na badalada Vila Madalena, bairro da capital paulista conhecido por sua efervescência cultural. No ano passado, após recuperar o investimento, Wolf decidiu deixar o emprego de diretor de arte de uma agência publicitária para abrir seu segundo espaço de compartilhamento, a *House of Food*, o primeiro restaurante *coworking* do Brasil.

Com uma cozinha industrial totalmente equipada, bem como equipe de garçons e ajudantes, ele loca o espaço para *chefs* pelo prazo de um dia ou de uma semana. O cozinheiro só leva os ingredientes e vende as refeições que produzir. O hoje empreendedor não se arrepende da transição profissional. “Passei a utilizar os recursos e a minha criatividade de maneira mais produtiva”, diz Wolf.

Agora, ele acaba de comprar uma terceira casa na região e se prepara para abrir a *House of Learning*, espaço de *coworking* para aulas e palestras. Por causa de um projeto da criação de um *House of Work* em favelas, Wolf foi selecionado pelo Yunus Negócios Sociais, incubadora e aceleradora de negócios com sustentabilidade financeira e potencial de impacto social, fundada pelo Nobel da Paz Muhammad Yunus.

Aos poucos

Mesmo quem não planeja empunhar a bandeira da economia colaborativa em tempo integral pode lucrar ou pelo menos poupar ao incluir algum hábito de compartilhamento na rotina. São inúmeras as possibilidades proporcionadas por plataformas colaborativas para quem quer economizar, faturar com “bicos” nas horas vagas ou até empreender. Colocar na ponta do lápis o tamanho da economia que pode ser feita com o compartilhamento pode ser um bom incentivo para começar.

Porém, quem quer ganhar dinheiro com o compartilhamento deve dispor de uma boa dose de desapego para dividir quartos, casas, carros, espaços de trabalho, roupas e tempo [...]. “É possível viajar, ter mobilidade, um negócio e ainda ganhar qualidade de vida com o compartilhamento”, diz Izabella. “Mas realizações só acontecem para quem está aberto a fazer diferente”, afirma.

[...].

(Disponível em <http://exame.abril.com.br/carreira/economia-colaborativa-dividir-ao-inves-de-acumular/>. Acesso em 13 set. 2017. Adaptação.)

*Gestora de conteúdo, edição e publicações de veículos de comunicação da Editora Abril.

Texto 2

Desconfiança é obstáculo da Economia Colaborativa no Brasil

Por Karina Danielle*

Uma nova forma de os consumidores utilizarem serviços e de as empresas venderem produtos: esse é o conceito do termo Economia Colaborativa ou Economia do Compartilhamento, que surge em pleno século XXI. Ferramentas do momento, como Airbnb, Uber, Waze, Spotify e Crowdfunding agregam novos hábitos de consumo, compartilhamento, comunicação e mídia a partir do ambiente digital.

De acordo com Victor Corte Real, professor de publicidade e propaganda da PUC Campinas e doutorando em Comunicação Social e Estudos de Mídia pela USP, o famoso “jeitinho brasileiro”, muito utilizado em campanhas publicitárias no país anos atrás, pode se tornar uma barreira para a confiança da população brasileira ao utilizar esses novos meios de compartilhamento.

Existem mais de 2,4 bilhões de pessoas no mundo conectadas à internet, ou seja, com acesso à informação, fato que promoveu a mudança de consumo da sociedade. “O acesso à informação ampliado permite que você pesquise, saiba quanto custa um produto aqui ou outro ali, quanto tem de imposto e a concorrência”, analisa Corte Real.

A economia colaborativa é marcada pelo compartilhamento e mudanças de novos hábitos de consumo, que vêm ganhando força por todo o mundo. É a tecnologia procurando aproximar as pessoas a partir de modelos que podem eliminar a frieza do meio [...]. “Quando você cria um aplicativo de carona real, no fundo, você cria uma nova alternativa de transporte, já que os transportes públicos, como os ônibus, são terríveis, além de desconfortáveis e inseguros”, conta

André Luis Ogando Paraense, diretor executivo e fundador do aplicativo Ponga.

Para o professor de publicidade, a ideia de carona e compartilhamento permite que as pessoas saiam do ambiente digital para o mundo real, proporcionando uma tendência de reaproximação entre si. Porém, no Brasil, ainda há muita resistência, comparando-se a outros países. “É o lado negativo do nosso ‘jeitinho brasileiro de ser’, de querer passar a perna, ganhar vantagem em tudo, isso gera desconfiança e está muito enraizado na cultura brasileira”, critica. Corte Real ainda acrescenta que as vendas de garagem, como os brechós, geralmente têm status de baixa qualidade para a população, e ainda não foram aceitas no Brasil, enquanto em países como os Estados Unidos são muito populares.

O Airbnb é uma plataforma presente tanto em site como em aplicativo e funciona como uma rede social imobiliária, fundamentada na confiança interpessoal. Nela é possível alugar apartamentos e casas no mundo inteiro por um preço acessível e diretamente com

o anfitrião. Lucas Gonçalves de Oliveira, auxiliar de marketing, utilizou o Airbnb para se hospedar em uma praia do litoral paulista e conta que teve desconfiança até chegar ao apartamento escolhido. “Íamos passar o final do ano na praia, os preços eram exorbitantes, até que encontramos apartamentos muito acessíveis pelo Airbnb. Ficamos um pouco com receio de dar o aceite e ir viajar, mas acabamos vendo as referências, e de fato foi muito bom”.

A economia do compartilhamento dá início a uma tendência de extinguir, no Brasil, o consumidor tradicional. Hoje, ele molda e demanda aquilo que lhe agrega valor: “É uma oferta moldada em torno do interesse do consumidor. Isso está vindo para o país agora, e a ideia da confiança precisa ser superada para essas novas ferramentas de compartilhamento se consolidarem”, conclui Real.

(Disponível em <https://digitaispuccampinas.wordpress.com/2015/06/08/novos-habitos-de-consumo-e-jeitinho-brasileiro-marcam-era-da-economia-colaborativa-no-pais/>. Acesso em 13 set. 2017. Adaptação.)

*Karina Danielle é jornalista.

Texto 3

Economia colaborativa: conheça o modelo que prega o consumo consciente

Economia Colaborativa mostra a importância de optar pelo compartilhamento ao invés do acúmulo, impactando no consumo e no modo de fazer negócios

Por *Mayara Rozário**

Brasil Econômico | 11/08/2017 12:37

Você já ouviu falar em economia colaborativa? Também conhecida como economia compartilhada ou em rede, o modelo abrange a prática da divisão de produtos e serviços, sem que todos os consumidores precisem adquiri-los de fato. Fortemente estimulada pela tecnologia, promove uma adequação nas relações trabalhistas, já que o prestador de serviços passa a ter direito sobre o negócio. A Uber e a Airbnb são exemplos populares desse movimento.

Impulsionando uma nova percepção sobre o consumo e evidenciando os problemas sociais e ambientais, a economia colaborativa mostra a importância de optar pelo compartilhamento ao invés do acúmulo, o que tem impactado significativamente o modo como os negócios são feitos. Para o advogado especializa-

do em direito de imigração e mercado financeiro e de capitais, Daniel Toledo, a crise global em alguns setores, as atuais tecnologias, a nova forma de comunicação e as preocupações com as questões ambientais e sociais embasam este novo modelo.

Além disso, proporcionar um consumo consciente estimula a otimização do uso de meios e recursos e a reciclagem, sendo mais bem-sucedida em grandes metrópoles, por conta da quantidade de pessoas. “Não podemos imaginar um formato econômico como este, tendo alguma significância, sem que grandes mercados ou setores passem a aderir a ele. Porém, fatalmente, cidades do interior sentirão seu reflexo por geralmente dependerem de recursos oriundos das grandes capitais”, comenta o advogado.

Riscos e benefícios

Menores custos, economia para o consumidor final, melhor utilização dos recursos naturais, menos poluição e resíduos e, principalmente, maiores investimentos em tecnologias alternativas estão entre os principais benefícios oferecidos. Já o desemprego é apontado como sua maior desvantagem.

“Certamente este modelo proporciona um consumo mais consciente, menos oneroso e também mais inteligente porque o consumidor ‘leva para casa’ apenas o que precisa. Mas poucos falam dos riscos para países em crise, como o Brasil. Este formato econômico pode trazer enormes prejuízos, como desemprego e queda na produção, além de já ter demonstrado uma queda significativa em alguns setores da indústria e comércio. Ainda é uma forma necessária e moderna de consumo, mas, em alguns momentos de crise, este pode ser um fator a mais de risco e deve ser observado”, alerta Toledo.

Porém, mesmo com os riscos, o advogado não descarta a possibilidade de esse tipo de economia tornar-se predominante no País, ainda que não substitua totalmente algumas necessidades supridas e trazidas pelo capitalismo. Também poderá ser uma fase de impacto na relação entre o consumidor e os bens materiais, já que aquele precisará se adaptar. Toledo ressalta que, para os compradores desta geração, não há um momento adaptativo por estarem em constante contato com recursos tecnológicos, que ajustam seus costumes de consumo.

Para o especialista, aqueles que implementarem a economia compartilhada e estiverem dispostos a estudar falhas de mercado, explorando-as com novas tecnologias, poderão potencializar os negócios. E foi isso o que fez Saulo Miranda, juntamente com a equipe da *startup* Lockey. O projeto, intitulado “Campanha

de Indicação” da plataforma digital, iniciado no começo de agosto, oferece uma renda extra para aqueles que indicarem à *startup* imóveis disponíveis para serem alugados.

A campanha da *startup* tem três objetivos principais: fomentar a plataforma, trazendo mais imóveis para locação; fazer com que as pessoas tornem-se agentes do negócio; e gerar ganhos financeiros para todas as partes, ou seja, para quem indica, para o proprietário e para a própria empresa. Assim, após o contato inicial, os consultores imobiliários da plataforma anunciarão o imóvel em seu site.

O empresário afirma que, mesmo sem terem colhido os frutos desse modelo por conta do pouco tempo de campanha, estão confiantes de que conseguirão alcançar seus objetivos [...]. A próxima etapa consiste em melhorar a conversão de locações.

“A cada dia, as empresas precisam inovar para crescer, e a economia no Brasil não está muito fácil. A economia colaborativa faz com que todos cresçam juntos e o sucesso do negócio seja dividido entre as partes envolvidas. Estamos lançando esse projeto agora e estamos bem otimistas para que seja uma ideia que se perpetue ao longo do desenvolvimento da empresa. A partir das experiências, as pessoas poderão ver como o modelo em rede beneficia muito os envolvidos. Em muitos dos casos, como na Lockey, pensamos que o modelo colaborativo é mais eficiente, inclusive, que uma expansão por via tradicional”, conclui.

(Disponível em Economia - iG @: <http://economia.ig.com.br/2017-08-11/economia-colaborativa.html>. Acesso em 02 out. 2017. Adaptação.)

*Mayara Rozário produz conteúdo para o site Ig.

PROPOSTA 2



Imagem disponível em <https://melhorcomsaude.com/qualquer-que-seja-o-seu-sofrimento-nao-machuque-os-outros/>.
Acesso em 02 out. 2017.

É recorrente a ideia de que sofrimentos ou frustrações nos fazem amadurecer, porque, ao sentirmos alguma espécie de dor, somos levados a refletir sobre a condição humana, e isso nos leva ao autoconhecimento. Entretanto, a dor também pode ser vista como algo que nos transforma em seres passivos, por conta do fato de que não desejamos viver um sentimento negativo.

TAREFA

Com base nessas considerações, redija um texto argumentativo em que você responda à seguinte questão:

- **Para você, o sofrimento é algo que nos faz amadurecer, ou, ao contrário, impede de seguirmos em frente, pois nos tornamos receosos e apáticos?**

Fundamente sua tese em argumentos consistentes

Textos de apoio para a proposta 2

Texto 1

Dor e sofrimento na evolução humana

*Armando Correa de Siqueira Neto**

Não se prenda às suas tristezas, contudo não deixe de vivê-las. Nem lá, nem cá. Observe calmamente e saboreie estes momentos, pois se encerra neles, justamente, a oportunidade de crescer e evoluir quanto ao desenvolvimento humano e ascender a condições melhores de sabedoria e amor. Todos queremos o céu, mas esquecemo-nos da trajetória, procurando adiar a caminhada. Dor e sofrimento fazem parte da natureza que habita em nós. São as formas pelas quais nos incomodamos e reagimos, e assim damos novos passos. E, mesmo sem perceber, modificamos o que fomos há pouco ou muito. É uma tentativa vã fugir das mudanças.

Vivenciar a dor e o sofrimento com menor receio nos aproxima de nós mesmos, levando-nos ao autoconhecimento, elemento crucial para que vivamos em maior plenitude. Quanto mais nos conhecemos e nos aceitamos, tanto melhor crescemos. Enxergando-nos com honestidade, abre-se a chance de modificar o que entendemos que deva ser modificado. Enganar-se retarda qualquer modificação de nossa parte. É tarefa difícil compreender que o sofrimento existencial é um componente de nossa dinâmica de viver; ao contrário, enxergamo-lo como um castigo, ou uma punição apenas.

Por outro lado, é justo almejar a alegria e o contentamento. Entretanto, é a eles que pretendemos nos apegar, procurando desconsiderar o seu oposto: as aflições. Vivemos a época da busca incontrolável pelo prazer. Busca-se o extremo nesta direção, e isso faz clara oposição a qualquer dissabor. Cria-se muita dificuldade em aceitar o que não faz parte do mundo prazeroso. É claro que se trata apenas de uma ilusão, mas ela tem poderosa força e ganha adeptos em crescente velocidade. São ideias que nos chegam de fora e as incorporamos. Crescemos aprendendo desta forma e, com isso, tornamo-nos presas fáceis da própria falta de conhecimento acerca de nós mesmos, por

não permitirmos o acesso que leva ao conhecimento do mundo de dentro.

Cuidado, não maldiga os momentos em que as aflições estão presentes, e tampouco tente fugir. A recusa implica atraso, em lentas passadas, nas viagens que temos pela frente. Mude aos poucos a percepção a respeito destas condições. Perceba as vantagens que podem ser aproveitadas, ainda mais se aceitarmos a inevitabilidade de ter que passar por estes momentos. Conquiste a calma necessária para lidar melhor mediante os sofrimentos da vida. Esse conhecimento já nos oferece uma posição privilegiada.

Com o sofrimento, o choro chega também, e ele traz alívio. É um amigo que conforta, deixando clara a sua missão: expressar o que vem do âmago e, ao mesmo tempo, consolar. Se precisarmos reduzir o sofrimento, temos o recurso natural: o chorar.

[...]

Os momentos em que nos recolhemos e ficamos introspectivos e mais reservados devem ser aproveitados para uma bela e frutífera viagem interior. Nela, permitimo-nos acessar sentimentos e situações diversificadas, como um relacionamento rompido e ainda aberto, um medo mediante certa decisão a ser tomada, mágoa, frustração, etc.

Temer menos a dor e o sofrimento aumenta a capacidade de superar e aceitar, cada vez melhor, os reverses da vida. Amplia as chances de evolução. Há uma frase que descreve com propriedade as razões da aflição: “Quanto mais numerosos os espinhos, mais belas serão as rosas”. Permitamo-nos ao convívio mais abrangente de tantas coisas que ainda não ocupam o espaço necessário e enriquecedor de nossas vidas.

(Disponível em http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0036. Acesso em 27 set. 2017. Adaptação.)

*Armando Correa de Siqueira Neto é psicólogo e Mestre na área de Liderança.

Texto 2

Soneto de Separação

*Vinícius de Moraes**

Inglaterra, 1938

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.
Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante

De repente, não mais que de repente.

(Disponível em <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-separacao>. Acesso em 27 set. 2017.)

*Vinicius de Moraes foi um poeta e compositor brasileiro (1913 – 1980).

Texto 3

Não antecipe sofrimento

por *Marcel Camargo**

O mundo está cada vez mais violento e complexo, deixando-nos apreensivos com as incertezas e obstáculos que permeiam o nosso caminhar. Por essa razão, acabamos temendo sempre o pior que possa vir a acontecer, uma vez que somos rodeados por notícias e fatos desesperançados, tais como constantes assaltos, desvios de dinheiro, alta de preços, desvalorização do poder de compra, desemprego, acidentes, dentre tantos outros.

Nesse contexto, avolumam-se, dentro de nós, inseguranças e temores quanto à possibilidade de nos tornarmos protagonistas de tais experiências, o que nos deixa apreensivos e tomados de pensamentos pessimistas no que se refere ao nosso amanhã e ao futuro de nossos amados. Trazemos para as nossas vidas aquilo que nem aconteceu ainda e, muitas vezes, acabamos tolhendo os nossos sonhos de sua capacidade motivadora de nos fortalecer.

Na verdade, sofrer pelo que possa acontecer de ruim em nossas vidas é totalmente inútil, pois nos torna sujeitos infelizes e paralisados, cegando-nos frente às inúmeras oportunidades de alcançarmos a felicidade que estão bem ali, na nossa frente. Quando nos preocupamos demais com o amanhã, deixamos de construir um hoje melhor, ou seja, deixamos de viver o que temos conosco no presente, em razão de antecipações negativas que nos tornam ansiosos e infelizes, dia após dia.

Ficamos, muitas vezes, presos a expectativas pessimistas de sermos despedidos, de estourarmos o nosso orçamento, de acontecer algum acidente com nossos filhos, de adoecermos, de não nos apaixonarmos, de sermos traídos ou deixados pelo amado e, enquanto isso, a vida passa lá fora, sem que desfrutemos todas as oportunidades que ela carrega aqui e agora. Não vivemos o hoje, por conta de um amanhã que ainda nem existe, tampouco conseguimos nos fortalecer para enfrentar os dias de luta que virão.

Sofrer pelo que não aconteceu é tão danoso, que nos impede a preparação para um futuro melhor. Dessa

forma, nossos medos muito possivelmente se concretizarão e teremos, sim, amanhã infelizes, pois estivemos muito preocupados com eles e não nos preparamos para recebê-los com todas as possibilidades de felicidade que o futuro sempre traz. De tanto pensarmos no pior, acabamos atraindo negatividade para dentro de nossas vidas, pois nos tornamos pessoas com quem nem é prazeroso conviver. Perdemos, conseqüentemente, inúmeras chances de conhecer, de amar, de sorrir, de contemplar, enfim, de viver como realmente merecemos.

Obviamente, isso não significa que devemos nos alienar e viver descompromissadamente, sem planos e projetos, sem pensar e nos preparar para o futuro. Programar ações e agir com vistas às conseqüências é necessário, no sentido de conseguirmos alcançar uma velhice digna e confortável, junto de quem amamos e nos ama de verdade. No entanto, precisamos também esperar coisas boas, antecipando um amanhã feliz e pleno de realizações, pois isso nos tornará mais lúcidos quanto ao que precisamos fazer hoje, para podermos desfrutar um futuro melhor.

Prevenir-se não significa, absolutamente, negatar o que virá, pois, na verdade, controlamos quase nada do que acontece e acontecerá em nossas vidas. O que importa, mesmo, é buscarmos a felicidade, com o que temos, a partir do que somos, com quem está conosco, sorvendo cada instante intensamente, para que não carreguemos arrependimentos por tudo o que deixamos de viver no momento certo, enquanto vivíamos antecipações, muitas das quais nem chegaram a acontecer. Expectativas demasiadas nos emperram; otimismo, na medida certa, nos liberta. Permita-se, assim, viver o real, pois é isso que terá valido a pena e é isso que acalentará as doces lembranças que nos perpetuarão quando partirmos.

(Disponível em: http://obviousmag.org/pensando_nessa_gente_da_vida/2015/nao-antecipe-sofrimento.html#ixzz4tyaTNYhG. Acesso em: 28 set. 2017.)

*Marcel Camargo é professor e supervisor de ensino.